

UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO

Curso de Psicologia

Dayane dos Santos Viana

Juliana Ramos de Souza

A ARTE COMO INSTRUMENTO DO INCONSCIENTE

São Paulo

2021

**Dayane dos Santos Viana
Juliana Ramos de Souza**

A ARTE COMO INSTRUMENTO DO INCONSCIENTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade de Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Gerson Heidrich da Silva.

São Paulo

2021

V667a Viana, Dayane dos Santos

A arte como instrumento do inconsciente / Dayane dos Santos Viana, Juliana Ramos de Souza. – São Paulo, 2021.

24 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) - Universidade Santo Amaro, 2021.

Orientador(a): Prof. Dr. Gerson Heidrich da Silva

1. Inconsciente. 2. Arte. 3. Sublimação. 4. Desejo. 5. Impulsos. I. Souza, Juliana Ramos de. II. Silva, Gerson Heidrich da, orient. III. Universidade Santo Amaro. IV. Título.

Dayane dos Santos Viana
Juliana Ramos de Souza

A ARTE COMO INSTRUMENTO DO INCONSCIENTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade de Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia. Orientador: Prof. Dr. Gerson Heidrich da Silva.

São Paulo, ___ de _____ de 2021.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Gerson Heidrich da Silva – Orientador e Presidente da Banca
Universidade de Santo Amaro

Prof. Dr.
Universidade

Prof.^a Dr.^a
Universidade

Conceito Final: _____

AGRADECIMENTOS

Revisitar a memória é um processo intenso, pois nos deparamos com situações felizes e outras nem tanto. Agradecer é um ato muito significativo, pois nos dá a oportunidade de reconhecer o que o outro fez por nós e, durante esses cinco anos, fui presenteada com muitas pessoas maravilhosas que me ajudaram a caminhar com coragem nesse grande desafio que foi a graduação de Psicologia.

Agradeço primeiramente a minha família pela paciência e empatia com a minha ausência em momentos importantes por precisar me dedicar aos inúmeros trabalhos, leituras, provas e estágios. A minha família é meu porto seguro, meu oásis em meio ao caos. Obrigada mãe, pai e irmão. Amo vocês.

Agradeço aos meus amigos de caminhada que deixaram a graduação muito mais leve e inesquecível: Bianca, Reinaldo, Tawane, Celso, Cacau, Natália (vaca viúva, parque Villa Lobos, churrascos, sítios, etc.) e Tatiana vocês foram incríveis e importantes nesse processo. Agradeço, em especial, a minha amiga Dayane que foi minha parceira e companheira de trabalhos, provas, estágios, angústias, festas, vinhos, sonhos e crises existenciais. Amiga, não sei o que seria desses cinco anos sem você. Obrigada pelo equilíbrio, resiliência e por estar aqui nesta reta final, você foi particularmente importante nesse processo. “Parece que você saiu de um filme”. Arte.

Meu mais profundo agradecimento à generosidade e abertura de grandes professores que fizeram parte dessa trajetória transformadora: Esny, Paula, Gerson, Cristina, Cibele, Romão, Rita, Diana, Julia, Dafne, Roseli, Elaine, Maristela e Cleonice. Professores que abriram janelas, que mostraram outros mundos, outras possibilidades, ampliaram o meu olhar e me inspiraram a ser uma profissional humana, ética e justa. Agradeço ao professor Gerson, orientador deste presente trabalho, por trazer leveza e desmistificar a tortura de desenvolver um TCC. A sua orientação foi leve e assertiva. Um deleite.

Foi uma caminhada intensa e transformadora. Vou sentir falta, mas sei que novas possibilidades me esperam. Até mais.

Juliana Souza

Tentei inúmeras vezes concluir uma faculdade antes desta. Entrei e sai de diversos cursos, minha angústia era imensa em não encontrar um caminho profissional. No primeiro dia de aula, o professor Esny nos recebeu com a seguinte frase “cinco anos passam de qualquer forma, que bom que vocês escolheram estudar Psicologia”. Eu estava com 26 anos, me separando de um longo relacionamento e mudando de carreira.

Eu nunca pensei nos anos que faltavam para a conclusão, pensava apenas em concluir aquele semestre. Fui conhecendo pessoas incríveis, fui me deliciando com as descobertas do curso. Costumo dizer que a professora Cibele mudou a minha vida logo no primeiro semestre, eu fiquei apaixonada pela Psicologia Social e minhas paixões foram se atualizando a cada novo semestre, a cada novo professor, a cada nova descoberta, a cada amizade que se aprofundava e a cada obstáculo superado.

Tive a sorte de ter uma mãe que me amparou incondicionalmente, tanto financeiramente quanto emocionalmente diante dos lutos e lutas durante este período. Eu descobri o poder da determinação e o deleite que é amar uma ideia, um curso, uma profissão. Agradeço ao meu irmão por todo incentivo e acreditar em mim. Minha tia Ana, que sempre me prestou enorme carinho e apoio, a minha prima-irmã, Fernanda, que morre de orgulho de mim (sem precisar de motivos aparentes).

Sou grata, imensamente grata, a minha parceira de faculdade e vida, minha grande amiga, Juliana, quanta coisa a gente passou! Agradeço também aos meus amigos queridos, desde o primeiro semestre, Bianca, Tawane e Reinaldo, não sei se teria aguentado sem essas pessoas fundamentais. Quero agradecer ao professor Roberto Veras, suas aulas inspiradoras, cheias de arte e poesia sempre encheram meu coração de amor. Agradeço a professora Maristela, provavelmente uma das mulheres que mais admiro como profissional, que quando fala não há quem não pare para ouvir. Sempre foi e sempre será um prazer ouvi-la. Agradeço também a professora Elaine, que não tivemos a oportunidade de conhecer pessoalmente e mesmo assim trouxe tanto acolhimento e carinho nas aulas remotas, é uma inspiração para mim. A Paula, extraordinária docente, me faz gostar de TCC, de tão incrível que ela é. A Sílvia, que acreditou que eu conseguiria e eu consegui.

Agradecimento especial ao Gerson, nosso orientador e professor. Obrigada pela poesia em tempos de pandemia, por toda arte, por toda psicanálise, por cada reflexão, cada provocação e cada incentivo. Levo no coração.

Para a minha mãe, pela minha mãe.

Dayane Viana.

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi mostrar, à luz da psicanálise, como a arte dialoga e se expressa através dos conteúdos inconscientes do sujeito e identificar possíveis processos de autoconhecimento através da arte. Buscou, ainda, analisar como o mecanismo de sublimação dialoga com a arte e em um processo terapêutico. Para isso, foi feita uma revisão bibliográfica acerca do tema proposto. As leituras selecionadas foram com enfoque em arte, inconsciente e sublimação, mas o trabalho não fez distinção do que é arte, foi considerado tudo que possa ser criado pelo sujeito dentro do seu processo criativo. Este estudo apresenta discussões de diversos autores sobre o processo artístico e inconsciente e também levantou a visão dentro do contexto clínico, buscando entender como a arte pode ser uma ferramenta de trabalho para acessar os conteúdos reprimidos e como interfere no processo civilizatório. A partir do material analisado, pode-se dizer que a arte traz novas formas de se gozar diante das regras morais, é um meio de vivenciar aquilo que moralmente seria proibido se fosse exposto de forma nua e primitiva; é, em certo sentido, a transgressão de forma simbólica e aceita. Ou seja, a materialização do gozo.

Palavras-chave: inconsciente, arte, sublimação, desejo, impulsos.

ABSTRACT

The aim of this work was to show, in the light of psychoanalysis, how art dialogues and expresses itself through the subject's unconscious contents, and to identify possible processes of self-knowledge through art. Also, to analyze how the sublimation mechanism dialogues with art and in a therapeutic process. For this, a bibliographic review was made about the proposed theme. The selected readings were focused on art, unconscious and sublimation, but the work made no distinction of what art is, it was considered everything that can be created by the subject within his creative process. This study presents discussions by several authors about the artistic and unconscious process, it also raised the view within the clinical context, seeking to understand how art can be a work tool to access the repressed contents and how it interferes in the civilizing process. From the analyzed material, it can be said that art brings new ways of enjoying itself in the face of moral rules, it is a means of experiencing what would be morally prohibited if exposed in a naked and primitive way, it is, in a sense, the transgression in a symbolic and accepted way. That is, the materialization of jouissance.

Keywords: unconscious, art, sublimation, desire, impulses.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	OBJETIVO.....	8
3	CONTEXTO TEÓRICO.....	9
3.1	Relação Arte - Artista.....	9
3.2	A Arte como Expressão do Inconsciente.....	10
3.3	Princípio do Prazer	11
3.4	Pulsões.....	12
3.5	Sublimação	13
3.6	Terapia e arte.....	14
4	METODOLOGIA.....	17
5	RESULTADO E DISCUSSÃO	18
5.1	Análise dos resultados	19
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
	REFERENCIAS.....	23

1 INTRODUÇÃO

Segundo Autuari e Rinaldi (2014), a arte não tem uma definição exata. A obra está vinculada com a história de vida do sujeito, suas fantasias, seus desejos, suas pulsões e sua visão de realidade. A arte pode estar relacionada ao momento atual do indivíduo, afeto de suas relações primárias, resquícios dos impulsos sexuais ou fragmentos de sua personalidade, servindo como instrumento de investigação e manifestação do inconsciente do sujeito. Para os autores, é importante estar atento aos fatos ocorridos na vida da pessoa para fazer um cruzamento entre obra e personalidade.

Para Biesdorf e Wandscheer (2011), a arte é uma necessidade de expressão humana tão ancestral quanto o homem, tanto que foi tudo que restou de civilizações e culturas pré-históricas. É também através da arte que o homem expressa o meio em que vive, interpreta sua natureza, constrói formas, fantasia, inventa e se descobre. Além disso, apesar de muitas vezes se tratar de uma produção individual, sempre se origina de uma necessidade coletiva, ou seja, o autor cria e executa artisticamente uma obra significativa de maneira responsável. Assim, sela compromisso com a sua cultura em fazer arte com significado presente no meio onde está inserido, sendo instrumento causador de modificações na sociedade.

Ao consumirmos o material artístico produzido por um sujeito, entramos em contato com cores, formas, histórias, fantasias, pensamentos, sons e outras referências que, em um primeiro momento, podem ser vistas apenas como um emaranhado de elementos construídos dentro de um processo criativo. Porém, sem saber, estamos acessando seu inconsciente, o mistério da origem criativa e intenções da obra criada.

Neste sentido, este estudo buscou, por meio de uma revisão bibliográfica, verificar como a arte dialoga e se expressa através dos conteúdos inconscientes do sujeito. A base teórica escolhida para nortear esta busca foi a psicanálise.

2 OBJETIVO

O objetivo deste trabalho foi verificar como a arte dialoga e se expressa através dos conteúdos inconscientes do sujeito. Sob o olhar da psicanálise, pretendeu-se identificar possíveis processos de autoconhecimento através da arte; analisar como o mecanismo de sublimação dialoga com a arte e o processo terapêutico; analisar como o indivíduo se conecta com seus desejos através da expressão artística.

3 CONTEXTO TEÓRICO

3.1 Relação Arte – Artista

Segundo Autuori e Rinaldi (2014), não há uma verdade que abarque o que seja arte na visão Freudiana. Há um vínculo entre o que se passou/passa na vida do artista, a obra produzida e o psiquismo durante o processo criativo. Na obra "Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância", Freud discute aspectos da vida pessoal do artista, referindo que os afetos foram transformados em criação. A vontade de Leonardo em descobrir o novo era vista como resquícios da pulsão sexual da primeira infância que, em vez de recalcar, foi sublimada e transformada em curiosidade. Por se tratar de sublimação, a pulsão agia livremente.

Os autores explicam que Leonardo Da Vinci passou os primeiros cinco anos de vida somente na companhia de sua mãe, o que, para Freud, influenciou o psiquismo e determinou o seu destino: a substituição do marido pelo filho. Aos cinquenta anos, Leonardo encontrou uma mulher que lembrava o sorriso sensual e feliz de sua mãe e então pintou o famoso quadro Monalisa ou La Gioconda (AUTUORI; RINALDI, 2014).

Ainda segundo os mesmos autores, as obras de Leonardo retratam a relação que ele teve com o pai, em especial o quadro Santa Ana, no qual reproduz os afetos da infância e o desinteresse do pai para com ele, motivo pelo qual muitas obras ficaram inacabadas. A criação artística de Da Vinci foi uma maneira de lidar com seus desejos sexuais, deslocando para o saber, a criatividade e a pesquisa.

Freud, de acordo com Autuori e Rinaldi (2014), também se debruçou a compreender o artista e escritor Dostoiévski a partir de suas obras que, com uma infância e juventude marcadas por perdas e prisão, transformou as pulsões agressivas e destrutivas de sua personalidade em personagens de seus livros. Em vez de agir e se transformar em um indivíduo criminoso, ele deslocou essas pulsões para seus personagens fictícios. Esses dois artistas foram fontes de análise Freudiana, mostrando a relação entre obra e autor.

Para Autuori e Rinaldi (2014), ao olhar a relação da arte e do artista com a realidade, Freud compreende que a criança, ao brincar, fantasia o mundo adulto como possibilidade de realizar seus desejos, que são os primeiros traços da

criatividade. O adulto já não tem mais essa ilusão e, por meio da arte, ele cria através da imaginação, mesmo com a realidade presente. As fantasias são formas de realizar desejos insatisfeitos.

3.2 A Arte como Expressão do Inconsciente

Figueiredo, Feitoza e Carvalho (2012) dizem que os métodos civilizatórios de dominação das pulsões acabam reprimindo e ocasionando diversas formas de sofrimento psíquico, e que a sublimação através da arte surge com o objetivo de que o homem não seja devorado por seus desejos, mas que os manifeste de maneira aceitável socialmente e ainda obtenha satisfação. A obra produz também uma ação sobre os sentimentos, como se fosse algo real graças à ilusão artística, proporcionando um espaço de cura, transformando as pulsões de morte em pulsões de vida, trazendo alívio e tornando possível a vida do indivíduo.

Para Rossi (2009), Freud concebe a arte como sustentação para aguentar a carga que a civilização impõe ao homem, oferecendo uma satisfação para as renúncias e sacrifícios que o sujeito precisa fazer por viver em sociedade. O ato de criar, a criatividade, advém da redução da repreensão e do superego, pois se origina das fantasias inconscientes do indivíduo. No inconsciente está a fonte da criatividade, proporcionando o revelar do mundo interno do criador. O inconsciente é, por assim dizer, o manancial.

Porém, é preciso considerar a severidade do superego ao buscar impedir, em certo sentido, o fluir da expressão artística. Nesta visão, pode-se considerar que a obra é o compartilhamento do mundo interno, e a forma de perceber as coisas é a capacidade de compartilhar espaços proibidos, secretos e reprimidos. No espaço clínico, isto é, no contexto analítico, há a possibilidade de acesso aos conteúdos reprimidos pelo paciente por meio da expressão artística.

Pastore (2009) discute que, para Freud, o indivíduo, ao entrar em contato com uma obra, pode experimentar sensações e sentimentos, quer seja uma pintura, um filme, uma *performance*, uma música etc. No entanto, preconiza que o sentir emergirá se houver elaboração acerca do significado dado à obra observada, significado singular e único a cada observador. A arte traz novas formas de gozar de acordo com as regras morais, é um meio de vivenciar aquilo que moralmente seria

proibido se fosse exposto de forma nua e primitiva, é a transgressão de forma simbólica e aceita. O gozo materializado.

3.3 Princípio do Prazer

Segundo Freud (1920), há uma predominância do princípio do prazer na psique, ou seja, os impulsos conscientes sempre se encontram entre prazer e desprazer. O aparelho psíquico trabalha para que a quantidade de excitação que nele existe permaneça o mais baixa possível, ou menos constante, e tudo que tem a capacidade de elevar essa excitação será percebido como disfuncional e, portanto, desprazeroso.

Ainda segundo Freud (1920), o princípio do prazer descende do princípio da constância, evidenciado por Fechner como *tendência à estabilidade*. Porém, este princípio não domina o curso dos processos mentais, então, o correto é que haja uma forte tendência ao prazer na psique, mas nem sempre o resultado corresponde ao prazer. Se este princípio dominasse, a grande maioria desses processos conduziria ao prazer ou seria seguida de prazer, quando, na verdade, as experiências em geral nem sempre correspondem à satisfação.

Freud (1920) salienta que se inclinar a um objetivo não significa alcançá-lo, sendo possível realizá-lo por aproximações. Ele explica que os motivos que impedem a prevalência do princípio do prazer são diversos, dentre eles os instintos de preservação do Eu, sendo assim substituído pelo princípio da realidade, que não tem a finalidade de desprezar a intenção final de obter prazer, mas adia-la através do desprendimento das possibilidades desta e da provisória aceitação do desprazer, rodeando até a obtenção final de prazer.

Desse modo, os processos psíquicos são influenciados pelo princípio do prazer e o que os movem são as tensões de desprazer em busca de satisfação, ou seja, gerar prazer para diminuir a carga desprazerosa conflitante. Os desejos sexuais, que seriam uma experiência prazerosa, são vistos como desprazer pelo Eu por alguma razão, reprimindo o impulso e ocasionando a repressão, diminuindo assim a possibilidade de realização do desejo.

O indivíduo não se lembra de tudo que reprimiu, o que se tornou inconsciente, e, antes que haja a compreensão do conteúdo reprimido, há a repetição da ação, que geralmente são conteúdos sexuais da primeira infância. Há uma forte

resistência do Eu para trazer à consciência os conteúdos reprimidos, isto é, o passado esquecido, ocasionando uma inconsciente repetição de comportamentos. Essa resistência está atrelada ao princípio do prazer, pois trazer à consciência conteúdos reprimidos pode gerar dor (FREUD, 1920).

Para Leite (2015), há um direcionamento de energia e impulso para a realização do desejo, mas, por conflitos internos e socioculturais, a satisfação do desejo não será plenamente satisfatória. Então, entrará o princípio da realidade, que fará a intermediação das questões éticas e morais com os desejos latentes. O princípio da realidade se manifesta para dar conta das expectativas sociais, culturais, éticas, morais etc., para adaptar os desejos dentro das regras e dos limites impostos e controlar o comportamento, mesmo que isso gere um grau de frustração no indivíduo por não realizar o desejo na sua forma primária.

Para preservar o ego, o princípio do prazer é substituído pelo princípio da realidade, visto que o primeiro é guiado pelo ID e o segundo, pelo Ego, que, através do princípio da realidade, modifica os caminhos a serem percorridos para a realização do desejo latente dentro da realidade externa, de forma socialmente adequada.

3.4 Pulsões

Segundo Freud (1856-1939), o estímulo pulsional não vem do exterior, mas do interior do próprio organismo, diferentemente de um estímulo fisiológico. A pulsão seria um impulso para o psíquico e sua ação atua como uma força constante, nunca como força momentânea, tornando-se ineficaz qualquer tentativa de fuga. Ainda, o estímulo pulsional pode ser denominado como “necessidade” e, para conter essa necessidade, “satisfação”. O aumento desregulado do estímulo causa desprazer e a diminuição do estímulo resulta na sensação de prazer.

Segundo Honda (2011), pulsão é a tendência de agir para alcançar a satisfação/prazer, podendo ser de diversas formas dentro da realidade com o propósito de atingir o objetivo. Pulsão é o limite entre o psíquico e o corporal, são estímulos que se originam dentro do corpo.

De acordo com Freud (1856-1939), diferentes caminhos podem conduzir à satisfação, que é a meta da pulsão, de maneira que pode haver inúmeras metas aproximadas para uma mesma pulsão, que podem ser substituídas ou combinadas

com outras. Também essas pulsões podem ser inibidas em seus propósitos. É chamado de objeto de uma pulsão aquele que, juntamente ou através dele, é possível que a pulsão alcance sua meta.

Freud (1856-1939) reúne em dois grupos as principais pulsões: as pulsões do Eu ou de autopreservação e as pulsões sexuais. A meta da pulsão sexual é a satisfação do órgão. Assim, Gomes (2001) explica que, quando um indivíduo se alimenta, conceitualmente, a pulsão de autopreservação está atuando; sua meta é ingerir o alimento, sendo a pulsão oral alvo de prazer na zona erógena oral.

Para Mendes (2011), um dos caminhos da pulsão é a sublimação, é o desvio da força da pulsão sexual deslocada para algo não sexual em prol de atividades socialmente valorizadas, tais como: esporte, arte e intelecto. A sublimação libera as pulsões reprimidas e em conflito com a libido; no saber clínico, esse deslocamento da pulsão para sublimação é visto quando há uma transformação cultural através da criação.

3.5 Sublimação

Para Pastore (2009), a sublimação é uma das formas de satisfazer os desejos a serviço de realizações sociais e civilizatórias. É a renúncia das perversões em sua forma primitiva para vivenciá-las através da arte e do criar, visto não ser apenas uma revelação do oculto, e sim de um sofrimento outrora reprimido.

Soares e Coelho (2014) discutem que o conceito sublimação, nos textos de Freud, aparece de forma vaga, dificultando o debruçar acerca dele. Na forma mais tradicional, a sublimação é a dessexualização da pulsão, é uma exigência civilizatória em que o homem é obrigado a substituir a satisfação direta por outra em prol do trabalho e da cultura. Ou seja, é a troca de um objeto proibido por um aceito para vivenciar o gozo da pulsão. É essa substituição do sexual para o não sexual que nos possibilita viver em sociedade, sendo que a força sexual está a serviço do trabalho, das relações, dos afetos, da cultura etc.

Soares e Coelho (2014) ressaltam que a satisfação direta da pulsão não é um risco social, a repressão exigida que o é. Não se pode exigir a mesma atitude de todos, visto que nem todas as pessoas conseguem substituir a pulsão sexual para algo não sexual, ocasionando o recalque e/ou neurose, levando à renúncia do desejo que não seja em prol da reprodução.

Ainda segundo os mesmos autores, Freud, ao explicar como chegou ao conceito de sublimação, usou a história do jovem Johann Friedrich Dieffenbach, que, movido por desejos sádicos na juventude, cortava o rabo dos cachorros que ele apanhava pelas redondezas. Mais tarde, esse mesmo “garoto” se tornou um famoso cirurgião, ou seja, ele continuou realizando o seu desejo, mas de uma forma socialmente aceita e em prol da humanidade. Pode-se dizer que houve a renúncia do gozo sádico para uma realização cultural: ciência. Uma linha tênue entre o sadismo e o bem, visto que o talentoso cirurgião se originou da sádica criança. A diferença está, então, na mudança do objeto/ação, sendo esta mudança o âmago da sublimação.

Os autores argumentam ainda que a sublimação freudiana é uma “troca de estado”, como o sólido se transformando em gasoso; o elemento é o mesmo, mas a forma, não. Uma pulsão sexual continua sendo uma pulsão sexual, porém, transitando para o feito artístico, intelectual, esporte, entre outros.

Ainda de acordo com Soares e Coelho (2014), ao olhar para a arte dentro do contexto da sublimação, é a forma como os desejos percorrem sem censura e repressão e se comunicam, falam, mostram-se. Uma mensagem do conteúdo latente.

3.6 Terapia e arte

Metzger (2015) discute que, dentro do campo clínico, a arte vem para ampliar a abordagem clínica, visto que algumas produções artísticas elucidam, quase com facilidade, a estrutura e organização do sujeito, podendo ser uma possibilidade em direção ao tratamento, uma vez que configura uma saída para o gozo libidinal do indivíduo. Segundo o autor, Freud, ao analisar algumas obras, observou resquícios do inconsciente do artista, levando a uma via de acesso ao oculto através de uma comunicação simbólica.

Margareth Naumburg, de acordo com Reis (2014), desenvolveu o seu trabalho na teoria psicanalítica, observando que as técnicas facilitam a projeção dos conflitos inconscientes do indivíduo. Naumburg defende que a expressão artística é um espelho refletindo o diálogo entre consciente e inconsciente, um caminho que facilita o percorrer das emoções, dos pensamentos, dos sentimentos, dos conflitos, dos sonhos, das fantasias, dos medos, das memórias infantis, do passado e do

presente vividos pelo sujeito, o que proporciona a comunicação entre paciente e terapeuta. A arte vem, muitas vezes, como uma via de acesso aos conteúdos do inconsciente mais fácil que a própria fala, pois, ao iniciar o processo psicoterapêutico, o paciente poderá vivenciar bloqueios ao se deparar com o próprio discurso, devido às resistências. Desta forma, a interpretação se dá pelo meio da transferência, na qual o terapeuta incentiva o sujeito a se descobrir através das suas produções.

A autora afirma ainda que a arte como terapia atualmente não está mais restrita aos consultórios, mostrando-se ser um importante instrumento para intervenções nas áreas da Psicologia escolar, hospitalar, social, organizacional e da saúde também. A arte permite a expressão de uma diversidade de temas, como traumas, conflitos emocionais, conflitos de sexualidade e gênero, expectativas e combates profissionais, além de aspectos das relações interpessoais. É uma ferramenta que possibilita extrapolar a abordagem tradicional que é baseada na linguagem, ampliando as perspectivas de manifestação.

Segundo Castro e Lima (2007), Nise da Silveira, durante os anos de 1940, foi contrária às técnicas de lobotomia, eletrochoque, química e medicamentosa direcionadas às formas de tratamento da psiquiatria desta época, pois acreditava que a vida psíquica de cada indivíduo é um processo permanente de interação com aquilo que o cerca. Nise, em sua atuação em um setor sem nenhum recurso designado à distração e/ou economia hospitalar dentro do Centro Psiquiátrico Nacional, intencionava adentrar no mundo dos esquizofrênicos, aproximar-se deles e conhecer suas dores, melhorando assim suas condições de vida. A médica Nise transformou a terapêutica ocupacional em campo de pesquisa, como forma de enfrentar a psiquiatria opositora, atribuindo a ela características científicas, teóricas e clínicas. Nos 28 anos em que dirigiu o setor, inúmeras pesquisas foram desenvolvidas na intenção de registrar resultados, comprovar e validar a eficiência do tratamento, além de investigar os danos dos tratamentos psiquiátricos tradicionais.

Ainda segundo as autoras, Nise tentava proporcionar em seus atendimentos uma atmosfera de liberdade sem nenhuma repressão durante as diversas atividades desenvolvidas, para que assim os sintomas tivessem a possibilidade de se expressarem e serem despotencializados. O interesse da psiquiatra era em estabelecer algum tipo de relação com o doente e lhe dar espaço para se expressar,

partindo do nível não verbal. Assim, a clínica da terapêutica ocupacional foi inserida, oferecendo atividades que possibilitavam a manifestação de experiências não verbalizáveis por aquele que se encontrava submerso em conteúdos inconscientes.

Foi no ateliê de pintura do Setor de Terapêutica Ocupacional que Nise observou "a existência de uma pulsão configuradora de imagens sobrevivendo mesmo quando a personalidade estava desagregada" (CASTRO; LIMA, 2007 *apud* SILVEIRA, 1992, p. 63). Neste ateliê e no de modelagem, Nise pôde ter uma maior compreensão acerca do dinamismo psíquico cotidiano na esquizofrenia, além de refletir sobre as circunstâncias de tratamento e hospitalização. Ela se surpreendeu, segundo as autoras, com a quantidade e qualidade dos conteúdos produzidos, compreendendo que a criatividade é um estímulo por meio do qual é possível que os pensamentos, as emoções e as sensações se reconheçam e se associem, mesmo diante da bagunça interna daquele que cria. A pintura se mostrou instrumento para reorganização interna, uma vez que revelava que o mundo interior do psicótico tomava forma através da expressão desenvolvida pela atividade, aproximando-o cada vez mais do consciente.

O Museu do Inconsciente foi criado, segundo as autoras, com o propósito de catalogar e organizar todo o material produzido, o que permitia o desenvolvimento de pesquisas em cima dessas imagens. Além do museu, ainda segundo as autoras, as exposições que rodaram e repercutiram no mundo das artes movimentaram também a psiquiatria, transformando-se em recurso no combate ao tratamento psiquiátrico hegemônico e aos manicômios, associados à luta por uma mudança cultural e de julgamento em relação ao adoecimento psíquico.

4 METODOLOGIA

O presente trabalho objetivou estudar a relação entre a arte e o inconsciente do indivíduo, valendo-se da revisão bibliográfica de artigos científicos, correspondendo ao período de 2001 a 2020, e clássicos da teoria psicanalítica de Sigmund Freud e comentadores.

Segundo Prodanov e Freitas (2013), esta metodologia busca contextualizar e esclarecer teoricamente o tema escolhido através de uma ampla pesquisa de materiais já publicados, com o objetivo de interpretar e contextualizar a questão proposta.

Para Augusto *et al.* (2013), a pesquisa qualitativa tem caráter interpretativo relacionado aos significados atribuídos a ela. Desta forma, os pesquisadores estudam e descrevem os fenômenos, cenários atuais e elementos que os envolvem, sempre dando importância às figuras, aos discursos e aos conceitos difundidos por eles.

Para a seleção de leitura, foram consideradas as bases de dados Scielo, Pepsic e Google Acadêmico com o tema de pesquisa proposto a partir dos seguintes descritores: psicanálise, arte, inconsciente, sublimação, pulsões, mecanismos de defesa e processo terapêutico. Foram considerados 13 artigos, além de 2 livros de comentadores dos estudos de Sigmund Freud e 1 de referência de Nise da Silveira para análise e discussão do presente trabalho. Os critérios de seleção foram materiais que falavam sobre arte e inconsciente através da sublimação. Os artigos que não estavam dentro dessa temática foram descartados.

A análise do material, realizada por meio dos estudos e das discussões levantadas, será compartilhada a seguir, buscando compreender como os processos artísticos dialogam com o inconsciente do obrador.

5 RESULTADO E DISCUSSÃO

Foram utilizados 13 artigos e 3 livros, conforme tabela a seguir:

Tabela 1 – Fonte de informação consultadas e conteúdos importantes

Ano/Base	Tipo de publicação	Título original	Autores
2014, Scielo	Artigo	Arte em Freud: um estudo que suporta contradições	Autuori, S.; Rinaldi, D.
2011, UFG	Artigo	Arte, uma necessidade humana: função social e educativa	Biesdorf, R.; Wandscheer, M.
2007, Scielo	Artigo	Resistência, inovação e clínica no pensar e no agir de Nise da Silveira	Castro, E.; Lima, E.
2012, Kroton	Artigo	A arte como instrumento de sublimação das pulsões	Figueiredo, D.; Feitoza, R.; Carvalho, M.
2009, Imago Editora	Livro	FREUD, Sigmund. Obras completas	Freud, S.
2013, Autêntica Editora	Livro	Obras completas de Sigmund Freud: as pulsões e seus destinos	Freud, S.
2001, Scielo	Artigo	Os dois conceitos freudianos de Trieb	Gomes, H.
2011, Scielo	Artigo	O conceito freudiano de pulsão (Trieb) e algumas de suas implicações epistemológicas	Honda, H.
2015, Pepsic	Artigo	Princípio do prazer versus princípio da realidade em contos infantis	Leite, R.
2011, Scielo	Artigo	PS – Pulsão e Sublimação: a trajetória do conceito, possibilidades e limites	Mendes, E.
2015, Pepsic	Artigo	Sublimação: laço entre arte e clínica	Metzer, C.
2009, Scielo	Artigo	Apresentação da arte inconsciente	Pastore, J.
2014, Scielo	Artigo	Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do psicólogo	Reis, A.
2009, Scielo	Artigo	Arte e psicanálise na construção do humano	Rossi, C.
1992, Ática	Livro	O mundo das imagens	Silveira, N.
2014, Scielo	Artigo	Sobre o uso da sublimação como instrumento para uma “metapsicologia da arte”	Soares, M.; Coelho, D.

Fonte: elaborado pelas autoras (2021).

5.1 Análise dos resultados

Para Autuori e Rinaldi (2014), a arte é a expressão dos desejos e resquícios de elementos reprimidos do sujeito, formando uma relação entre vida e criação. Desta forma, a produção é uma das maneiras de vivenciar e lidar com os afetos outrora recalcados. Já Biesdorf e Wandscheer (2011) trazem a arte como um bem necessário para a civilização que é tão antiga quanto; a arte é a maneira como o indivíduo interpreta e se expressa dentro do contexto em que vive, é um compromisso com a cultura em que está inserido, proporcionando a sua manutenção. Sendo assim, os desejos reprimidos do homem promovem a criação e a manutenção social quando o homem vivencia a realização do afeto reprimido, sendo um fôlego para as angústias e o autoconhecimento através das questões internas e, ao mesmo tempo, gerando inovação e continuidade.

É através do deslocamento dos impulsos sexuais para a criação que nascem os processos civilizatórios e grandes feitos, tais como a ciência e suas descobertas, o intelecto que gera debate e desconstrução, obras que consagram grandes museus que sustentam uma história, livros que eternizam personagens promovendo a identificação ou repulsão, transformações culturais etc. A sociedade se constrói pelo gozo materializado do sujeito. Desta forma, sob o olhar da psicanálise, a obra é um dos acessos ao inconsciente do paciente e, sob o olhar social, é uma necessidade humana para manter a sociedade.

Ao mesmo tempo em que o indivíduo constrói o meio em que vive, a própria sociedade domina e condena as suas pulsões e desejos, levando ao desprazer psíquico. Para Figueiredo, Feitoza e Carvalho (2012), a sociedade devora o desejo do homem esmagando o seu estar no mundo. Estar em sociedade é viver na ambiguidade, que ora condena, ora liberta; porém, a liberdade só é concedida se estiver dentro do que é moralmente aceito.

Segundo Freud (1856-1939), vários caminhos podem levar à satisfação do desejo. Mendes (2011) salienta que entre esses caminhos há a sublimação, que dá conta dos conflitos reprimidos. Olhando pela perspectiva desses dois autores, a sublimação se faz necessária para que o indivíduo possa dar conta das suas angústias, para que ele possa gozar e satisfazer seus desejos, mesmo que não sejam em sua versão primitiva; mas, de certa forma, é um caminho para aliviar as tensões do sofrimento psíquico, visto não poder viver à deriva dos prazeres sexuais

por questões morais e éticas. Ambos ganham, sociedade e indivíduo, pois, para Soares e Coelho (2014), o perigo social está na repressão dos desejos, levando à neurose/aos sintomas.

Ao olhar para o *setting* terapêutico, contexto de interesse para o profissional na Psicologia, Metzger (2015) dialoga ao trazer a visão de que a arte amplia o olhar clínico e possibilita ser uma ferramenta de trabalho. O material se torna um aliado ao discurso livre, visto ser uma forma também de acessar o indivíduo em processo terapêutico através da simbolização e projeção dos conteúdos: acessar a satisfação do desejo. Se o contexto analítico tem a função de trabalhar as questões do indivíduo como emoções, pensamentos, sentimentos, conflitos, sonhos, fantasias, medos, memórias e futuro, a arte vem para auxiliar no processo analista e paciente, podendo se estender para muitos campos da vida de uma forma lúdica e sutil de se colocar perante a vida.

Estendendo o olhar para além da visão Freudiana, do qual é foco principal deste trabalho, a psiquiatra junguiana Nise da Silveira traz o reconhecido trabalho artístico e terapêutico realizado com indivíduos em tratamento psiquiátrico. O objetivo deste trabalho não foi tratar da abordagem de Nise, mas trazer o método terapêutico da médica diante do adoecimento psíquico dos internados, que, segundo Castro e Lima (2007), substituiu os tratamentos tradicionais opressores por humanização por meio da arte, proporcionando uma vida melhor através da liberdade e da valorização dos produtos inconscientes, noutro momento reprimidos e desorganizados, trazendo estes conteúdos para o consciente sem a necessidade da fala, que é tão valorizada no contexto clínico.

Dentro de um ateliê, foi possível discutir o psiquismo humano, o tratamento, a humanização e o resgate do sujeito e, em comum com a visão Freudiana discutida por Metzger (2015), é possível, através da arte, transitar as emoções e os pensamentos dos sujeitos, tornando-se um instrumento de aproximação do inconsciente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi verificar, à luz da psicanálise, como a arte dialoga e se expressa através dos conteúdos inconscientes do sujeito, processo de autoconhecimento e mecanismo de sublimação dentro desse contexto. Mostrou-se, através das leituras selecionadas, que é possível identificar traços do inconsciente através das criações artísticas realizadas, como forma de lidar com as angústias e os sofrimentos psíquicos ocasionados pelos desejos reprimidos. É através da sublimação que o sujeito realiza os seus desejos reprimidos de maneira criativa e moralmente aceitável pela sociedade.

Além de causar alívio aos impulsos sexuais, a arte, trabalhada dentro do *setting* terapêutico, torna-se uma ferramenta para o profissional da Psicologia acessar o inconsciente do paciente, sendo uma aliada na busca pela compreensão das questões trazidas no consultório. Em complemento à associação livre, a arte pode ser vista como uma das vias de acesso aos conteúdos do inconsciente, embora, muitas vezes, venha carregada de resistências e sofrimento pela experiência de falar dos incômodos.

Sob o olhar civilizatório, o deslocamento dos impulsos sexuais para a criação é fundamental para a manutenção social, pois a civilização é construída pelos sujeitos desejantes. A moralidade reprime os desejos, mas ao mesmo tempo proporciona a criação através da sublimação desses mesmos desejos reprimidos.

Para além do *setting* terapêutico e da linguagem, a criação artística pode ser manifestada em outros ambientes, revelando-se como instrumento do inconsciente ao materializar o não verbal, como no trabalho inspirador e pioneiro de Nise da Silveira e seus pacientes dentro de um hospital psiquiátrico. Trabalho que, sem pretensão alguma, a princípio, mostrou-se aliado à luta político-social antimanicomial e de humanização e terapêutica de doentes mentais. A liberdade e a arte levaram a essas pessoas, na condição de pacientes psiquiátricos, uma forma de expressão dos conteúdos inconscientes, aliviando, de certa forma, um sofrimento psíquico que os desorganizava, impedindo alguma dignidade no seu modo de viver.

A arte também vem se mostrando cada vez mais democrática com o uso da tecnologia. As redes sociais e os aparelhos celulares ampliaram as possibilidades de criações artísticas, em que a maioria das pessoas pode criar vídeos, fotos e até pequenos filmes, mesmo sem conhecimento técnico aprofundado.

No Brasil e no mundo, os memes são formas criativas de lidar com situações e/ou conteúdos trágicos de forma cômica. Em tempos de pandemia global e quarentena, o uso de *streamings* de filmes e músicas ganhou mais força. A arte é, também, um meio de sublimação e fuga em tempos sombrios, com a ressalva de que essa fuga pode levar ao encontro de si. E a Psicologia, neste contexto, pode contribuir com a emancipação dos indivíduos enquanto sujeitos desejantes (in) conscientes de suas histórias.

A arte, neste sentido, apresenta-se como possibilidade do sujeito gozar diante das regras morais, do proibido. É, em certo sentido, uma forma de transgressão, de realização do desejo.

O que se sublima nas manifestações artísticas tecnológicas e as neuroses geradas pela atualidade enquanto sociedade, já são temas para outros estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGUSTO, Cleiclele Albuquerque *et al.* Pesquisa Qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober (2007-2011). **Rev. Econ. Sociol. Rural**, Brasília, v. 51, n. 4, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032013000400007 Acesso em: 05 out. 2020.

AUTUORI, Sandra; RINALDI, Doris. Arte em Freud: Um estudo que suporta contradições. **Bol. Acad. Paul. Psicol**, São Paulo, v. 34, n. 87, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2014000200002. Acesso em: 29 ago. 2020.

BIESDORF, Rosane Kloh; WANDSCHEER, Marli Ferreira. Arte, uma necessidade humana: função social e educativa. **Itinerarius Reflectionis**, Jataí, v. 2, n. 11, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/rir/article/download/20333/11824/> Acesso em: 30 ago. 2020.

CASTRO, Eliane Dias de; LIMA, Elizabeth Maria Freire de. Resistência, inovação e clínica no pensar e no agir de Nise da Silveira. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, São Paulo, v. 11, n. 22, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/icse/2007.v11n22/365-376/> Acesso em: 28 abr. 2021.

FIGUEIREDO, Dayanne Souza; FEITOZA, Raíssa Corbal; CARVALHO, Maria José Camargo. A arte como instrumento de sublimação das pulsões. **Encontro – Revista de Psicologia**, São Paulo, v. 15, n. 23, 2012. Disponível em: <https://pgsskroton.com.br/seer/index.php/renc/article/viewFile/2467/2364> Acesso em: 30 ago. 2020.

FREUD, Sigmund. **Obras completas (1917-1920)**. 1. ed. [S. l.]: Companhia das Letras. v. 14.

FREUD, Sigmund. **Obras completas de Sigmund Freud: As pulsões e seus destinos**. Edição bilíngue. [S. l.]: Autêntica Editora, 2013.

GOMES, Gilberto. Os dois conceitos freudianos de Trieb. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 17, n. 3, 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722001000300007 Acesso em: 06 out. 2020.

HONDA, Hélio. O conceito freudiano de pulsão (Trieb) e algumas de suas implicações epistemológicas. **Fractal, Ver. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922011000200012 Acesso em: 04 out. 2020.

LEITE, Renata Franco. Princípio do prazer versus princípio da realidade em contos infantis. **Estud. Psicanal**, Belo Horizonte, n. 43, 2015. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372015000100014 Acesso em: 04 out. 2020.

MENDES, Eliana Rodrigues Pereira. PS – Pulsão e Sublimação: a trajetória do conceito, possibilidades e limites. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 33, n. 62, 2011.

Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952011000200007 Acesso em: 04 out. 2020.

METZER, Clarissa. Sublimação: laço entre arte e clínica. **Stylus (Rio J.)**, Rio de Janeiro, n. 31, 2015. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2015000200014 Acesso em: 26 jan. 2021.

PASTORE, Jassanan Amoroso Dias. Apresentação a arte inconsciente. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 61, n. 2, 2009. Disponível em:

http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252009000200009 Acesso em: 25 jan. 2021.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Rio Grande do Sul: Editora Universidade Feevale, 2013.

REIS, Alice Casanova dos. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do psicólogo. **Psicol. Cienc. Prof.**, Brasília, v. 34, n. 1, 2014. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932014000100011 Acesso em: 26 jan. 2021.

RICHARDSON, Robert Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Editora Atlas, 1989.

ROSSI, Cláudio. Arte e psicanálise na construção do humano. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 61, n. 2, 2009. Disponível em:

http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252009000200010 Acesso em: 25 jan. 2021.

SILVEIRA, Nise. **O mundo das imagens**. São Paulo: Ática, 1992.

SOARES, Marcel Santiago; COELHO, Daniel Menezes. Sobre o uso da sublimação como instrumento para uma “metapsicologia da arte”. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 26, 2014. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922014000500593#B15 Acesso em: 26 jan. 2021.